

# “BONITINHO É UM FEIO ARRUMADO”: QUESTÕES DISCURSIVAS PARA O APRENDIZADO DE PORTUGUÊS POR FALANTES DE ESPANHOL



Juliana Peres ARAÚJO e Profa. Dra. Carmen Zink Bolognini (Orientadora)  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM – IEL, UNICAMP.

Palavras-Chave: Análise de discurso – Português para estrangeiros – Dificuldades

## Introdução

O presente trabalho tem como foco a análise de um dado, referente a observações de aulas de português para dois falantes de espanhol – um aluno e uma aluna de 22 anos – em contexto de imersão. A análise está ancorada ao campo teórico da Análise de Discurso materialista, tal qual desenvolvida por E.Orlandi no Brasil. O dado se refere a uma dificuldade encontrada pelo aluno em sua vivência no país. Em uma aula em que eram discutidos usos de diminutivo o aluno narrou um acontecimento inesperado para ele quando falou a algumas meninas que estavam muito bonitinhas e elas não gostaram. A professora, então, explicou o enunciado que costuma circular em nossa cultura: “bonitinho é um feio arrumado/arrumadinho”.

## Metodologia

A metodologia de pesquisa baseia-se no paradigma indiciário, um modelo epistemológico utilizado pelas ciências humanas, cujas origens são resgatadas por C. Ginzburg (1989). Esse modelo “propõe um método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores” (p. 149). Assim, nas observações em sala de aula – registradas através de diários de campo – buscamos justamente os aspectos negligenciáveis para a compreensão do que acontece no contexto observado.

Temos ainda, para a escritura dos diários, a metodologia de Winkin (1998). O autor explicita as três funções importantes dos diários de campo para uma pesquisa.

## Resultados e Discussão

Partindo do dado apresentado, mostramos que a aparente semelhança entre as línguas portuguesa e espanhola gera dificuldades não só nos níveis já tratados por trabalhos da área específica de português para falantes de espanhol – como as dificuldades fonológicas, morfossintáticas e lexicais – mas também no que se refere ao discurso. O dado mostra que a aprendizagem de um idioma não se dá apenas pelo entendimento da estrutura da língua – no caso, da estrutura do diminutivo – pois esta sempre está relacionada à história e ao inconsciente. Assim, um estrangeiro que vivencia o cotidiano de um país diferente tem de aprender a lidar também com os discursos, que estão sempre sendo relacionados a discursos anteriores e apontando para discursos futuros.

Para sustentar nossas análises, verificamos como essa dificuldade – relacionada ao uso e funções do diminutivo em língua portuguesa – se apresenta em gramáticas e livros didáticos de português para estrangeiros. Buscamos uma explicação para nosso dado, tendo em vista uma suposição e, ao mesmo tempo, procuramos verificar se os livros e gramáticas trariam questões discursivas, considerando a língua em conjunto com sua historicidade.

Levantamos a hipótese de que o discurso “bonitinho é um feio arrumado” exemplifica uma função do diminutivo em nossa cultura. Nesta há uma preocupação constante em se preservar a face do interlocutor e por esse motivo circulam discursos atenuadores. Ao se dizer que alguém é bonitinho resguardamos sua face – não dizendo que é feio. Como forma de sustentação dessa suposição, trazemos também outro dado, relativo a uma entrevista do repórter Felipe Andreoli, do programa CQC da Bandeirantes, com Angélica. Nesta entrevista o repórter faz um questionamento a respeito do que ela pensaria caso alguém dissesse que seu livro estava “bem feitinho”. Ela dá a seguinte resposta: “Ah, bem feitinho eu não ia gostar muito não, cara. Bem feitinho é um feio arrumadinho, né?” Nesse discurso percebemos mais uma vez o diminutivo – “feitinho” – atuando no sentido de tornar algo menos grave.

## Conclusões

Nossas análises mostram que um estrangeiro não teria condições de encontrar uma resposta para o acontecimento gerado por seu discurso apenas pelo estudo por meio de livros e gramáticas. Estes, em sua maioria, trazem a questão do diminutivo em língua portuguesa apenas de forma estrutural – explicam quais as regras gramaticais para a formação com o sufixo *-inho* ou *-zinho* – ou também consideram que pode existir um sentido pejorativo ou afetivo em alguns usos.

Por isso, pensamos que cabe uma reflexão a respeito de o que se aprende em contexto de imersão. A língua em si, apenas como estrutura, é possível de ser aprendida apenas por meio de livros. Também é comum a idéia de que o contexto de imersão propicia fluência e uma melhor pronúncia da língua alvo. No entanto, acreditamos que a grande importância da imersão no aprendizado de uma língua estrangeira possa ser o fato de esta propiciar a entrada na língua por sua estrutura e história, fazendo com que o estrangeiro aprenda a lidar também com as questões discursivas de determinada cultura.

Grupo de Pesquisa: [www.unicamp.br/iel/dihistoria](http://www.unicamp.br/iel/dihistoria)